

Os professores e sua formação profissional: entrevista com António Nóvoa

Teachers and their professional background: an interview with António Nóvoa

Maria Lúcia Resende Lomba*
Luciano Mendes Faria Filho*

RESUMO

Para António Nóvoa, há muitas maneiras de ser professor, uma diversidade de opções e de caminhos. Contudo, em todos eles, defende que é imprescindível compreender a complexidade da profissão em todas as suas dimensões: teóricas, experienciais, culturais, políticas, ideológicas e simbólicas. Trata-se de um conhecimento profissional docente, um conhecimento contingente, coletivo e público. E é com base nesse conhecimento que ele afirma que se devem organizar novos modelos de formação docente: uma formação que garanta aos professores espaços e tempos para o desenvolvimento do autoconhecimento e da autorreflexão sobre as dimensões pessoais, profissionais e coletivas do professorado.

Palavras-chave: António Nóvoa. Formação docente inicial e continuada. Profissão docente. Conhecimento profissional docente.

ABSTRACT

To António Nóvoa, there are many ways to be a teacher: diverse options and pathways. However, in all of them, he defends the importance of understanding the complexity of the profession in all its dimensions: theoretical, experiential, cultural, political, ideological, and symbolic. Professional teaching knowledge is contingent, collective, and public. Based on this knowledge, he states that new models of teacher education should be organized in a preparation that guarantees teachers' spaces and times to develop self-knowledge and self-reflection on the personal, professional, and collective dimensions of teaching.

Keywords: António Nóvoa. Pre- and in-service teacher education. Teaching profession. Teacher professional knowledge.

* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: mlresende@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0003-4296-3633>; E-mail: lucianomff@uol.com.br – <https://orcid.org/0000-0002-1023-7138>

Introdução

O Dr. António Manuel Seixas Sampaio da Nóvoa (Valença, Portugal, 12 de dezembro de 1954) é professor Catedrático do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Foi Reitor da Universidade de Lisboa entre 2006 e 2013 e Embaixador de Portugal na UNESCO entre 2018 e 2021. É Doutor em Ciências da Educação (Universidade de Genebra, 1986) e Doutor em História (Universidade de Paris IV-Sorbonne, 2006). *É Doutor Honoris Causa por várias universidades, nomeadamente brasileiras: Brasília, Federal do Rio de Janeiro, Federal de Santa Maria e USP. É autor de mais de 150 publicações, entre livros, capítulos e artigos, editadas em 12 países.*

Nesta entrevista, realizada em outubro de 2022, no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Portugal, o Professor Nóvoa conversou sobre a necessidade de organizarmos novos modelos de formação docente. Trata-se de pensar em uma formação que garanta aos professores espaços e tempos para o desenvolvimento do autoconhecimento e da autorreflexão sobre as dimensões pessoais, profissionais e coletivas do professorado.

1. Professor Nóvoa, em sua biografia consta que foi por meio do Teatro – como docente de expressão dramática no Magistério Primário de Aveiro no período de 1977 a 1979 – que o senhor chega à formação de professores. A partir daí, desde a década de 1980 vem afirmando em seus estudos que a escola é o lugar ideal para a formação docente por ser lugar de vivências concretas.

1.1 Diante disso, o que considera como valioso aprendizado desse período no Magistério Primário?

Iniciei a minha vida profissional como professor, com pouco mais de 20 anos de idade, em escolas do magistério primário. Eram tempos de revolução em Portugal. Foram tempos muito marcantes para mim. Estive em escolas, dei aulas, fiz formação, animei seminários, num permanente entrelaçamento entre a prática e a teoria. É assim que deve ser uma formação profissional como a formação de professores. Não é primeiro a teoria e depois a prática (ou os estágios), como habitualmente se faz, mas antes um entrelaçamento que permite uma prática mais reflectida¹, mais consciente, e uma teoria que ganha novos sentidos e significados. Sabemos, desde os estudos pioneiros de Michael Huberman, que os primeiros anos de vida profissional docente são decisivos no nosso percurso como professores. No meu caso, não consigo imaginar melhor entrada

¹ As respostas do entrevistado serão mantidas no idioma Português de Portugal

na vida profissional do que aquela que os casos da história me proporcionaram.

2. No artigo *Conhecimento profissional docente e formação de professores* (NÓVOA, 2022)² o senhor afirma que: “A cada ano, em todo o mundo, publicam-se milhares de títulos sobre a profissão docente e a formação de professores. Esta literatura prolixa tem uma falha maior: reflete insuficientemente sobre os professores como detentores de um conhecimento próprio, como produtores de um conhecimento profissional docente. E mesmo quando esta reflexão existe, ela é dinamizada por acadêmicos e não pelos professores da educação básica.”

2.1 Poderia nos dizer um pouco mais sobre essa questão que considera central para os professores e a sua formação?

O campo da educação e da formação docente desenvolveu-se muitíssimo nas últimas décadas. Por um lado, passou a haver uma grande atenção às políticas públicas, bem como uma maior presença de organizações internacionais, de ONGs e de fundações. Por outro lado, houve um desenvolvimento extraordinário de todo o tipo de especialistas em educação, desde os universitários aos especialistas do currículo, das tecnologias, da avaliação, das aprendizagens, do cérebro, etc. Tudo isto é muito positivo, mas trouxe uma certa diminuição ou exclusão dos professores que, pouco a pouco, se viram relegados para um plano secundário nos debates públicos sobre educação. É urgente reforçar a capacidade de reflexão, de publicação e de ação pública dos professores. Não se trata, apenas, de uma publicação ou intervenção a título individual, mas da possibilidade de uma “voz colectiva” que dê corpo à presença dos professores no espaço público, de inscrever os professores como profissão nos debates e decisões sobre educação.

3. Ainda sobre o artigo *Conhecimento profissional docente e formação de professores* (NÓVOA, 2022) o senhor afirma que: “Nas últimas décadas, os professores perderam visibilidade pública e a sua voz foi sendo substituída por especialistas de matérias tão diversas como o currículo, as tecnologias, as competências socioemocionais ou os estudos do cérebro. Publicamente, ouvem-se muitos discursos sobre educação, o que é de enaltecer, mas falta uma maior presença e participação dos professores.”

² Este artigo se encontra em fase de publicação, por esta razão não se encontra nas referências desta entrevista.

3.1 O que mais deseja encontrar nas publicações que tem lido sobre autoria e formação de professores?

As investigações experimentais ou teóricas conduzidas e escritas por universitários e outros especialistas são muito importantes, mas são insuficientes para devolver toda a riqueza e complexidade da educação. Os relatos de inovações ou de experiências concretas feitos por professores são muito importantes, mas não são suficientes para compreender toda a dimensão do trabalho educativo. É preciso completar estas duas abordagens com um terceiro tipo de escrita e de publicação, a saber, textos escritos por professores que, com base em vivências pessoais, produzam uma reflexão e sistematização das suas experiências e iniciativas. Não são meros relatos ou narrativas, mas antes um esforço de sistematização que possa desencadear dinâmicas de partilha e ser inspirador para outros educadores noutros contextos. Insisto neste ponto: todas as experiências são únicas, pois foram realizadas num determinado contexto e contêm a sua própria história, não podem ser replicadas por outros; mas os princípios, as dinâmicas e os resultados destas experiências podem inspirar novos projetos e iniciativas.

4. Os seus estudos nos demonstram que uma formação docente – inicial ou continuada – que não oportunize o acesso aos fazeres e saberes específicos da profissão poderá estar comprometida com o fracasso em formar professores empenhados no trabalho em equipe e na reflexão conjunta. Um dos caminhos que defende é o de repensar os cursos de formação inicial e continuada, garantindo aos profissionais uma maior aproximação supervisionada no ambiente escolar, o que definiu como a necessidade de uma experiência semelhante à residência médica.

4.1 Como avalia o desenvolvimento dessa experiência considerando as diferentes realidades institucionais com as quais dialoga? O que considera como caminho possível a ser percorrido pelas universidades e escolas?

A formação de professores é uma formação profissional de nível superior, isto é, a formação para uma profissão baseada no conhecimento. Assim sendo, é imprescindível a presença e a participação da profissão, tanto dos lugares da profissão (as escolas) como dos seus profissionais (os professores), mas é também imprescindível a presença dos lugares e dos conhecimentos académicos. Não há formação de professores sem uma ligação forte entre as escolas e as universidades, tanto na formação inicial como no período da indução docente e na formação continuada. Hoje, sabemos que não basta construir caminhos de colaboração ou de parceria. Estes caminhos são importantes, por exemplo para a qualidade da supervisão e dos estágios, mas não são suficientes. Precisamos, por isso, construir uma nova “realidade institucional”, uma espécie de “casa

comum da formação e da profissão”, que permita concretizar novos modelos e novas práticas de formação de professores. Essa realidade vem sendo criada e desenvolvida em vários lugares do mundo, por exemplo, no Complexo de Formação de Professores do Rio de Janeiro, dinamizado a partir da UFRJ.

4.2 Como percebe esses processos de formação inicial e continuada dos professores para a educação básica no Brasil e em Portugal?

No Brasil e em Portugal a formação de professores necessita de grandes mudanças, tanto na formação inicial como na formação continuada. A formação inicial segue “engessada” em modelos tradicionais baseados em currículos com três segmentos: conteúdos, disciplinas pedagógicas e prática docente. A formação continuada permanece dominada por uma lógica de cursos e de ações que os professores devem frequentar. Hoje, nada disto faz sentido. Precisamos de uma mudança de fundo no modo de pensar e de praticar a formação de professores, ligando a formação com a profissão, os espaços da formação com os espaços da profissão, os conhecimentos acadêmicos e pedagógicos com o conhecimento profissional docente. Precisamos de ousadia e de políticas públicas de valorização dos professores. Só é possível firmar e afirmar a presença da profissão na formação se os professores se sentirem valorizados e confiantes, e se tiverem condições concretas (tempo, horários flexíveis, reconhecimento do trabalho de supervisão e de enquadramento dos licenciandos, possibilidade de darem aulas nas licenciaturas, etc.) para participarem efetivamente na formação dos seus futuros colegas.

5. Sabendo que uma sólida formação docente tem relação direta com a qualidade do trabalho e com a satisfação do profissional, os seus estudos nos dizem da necessidade da formação docente garantir também espaços e tempos para a busca do autoconhecimento, de modo que, cada docente, por meio do exercício da autorreflexão, considere a sua história de vida no processo de construção da identidade profissional.

5.1 Visando promover os processos de autoconhecimento dos professores, quais caminhos ou estratégias tem vislumbrado?

Num dos meus primeiros textos que circularam no Brasil, *Vidas de professores*, publicado precisamente há trinta anos, retomei uma frase conhecida: “O professor é a pessoa, e uma parte importante da pessoa é o professor”. Na profissão docente, a dimensão pessoal é central. A pandemia da Covid-19 tornou ainda mais evidente esta realidade. Por isso, é tão importante cuidar dos professores como pessoas, do seu bem-estar, da sua saúde mental, das suas condições de vida e de trabalho. Nesse sentido, conhecer-se a si próprio é da maior relevância, um conhecimento que deve

ser partilhado com os outros. No passado, os professores trabalhavam muito isolados, por vezes em territórios distantes e afastados. Hoje, precisamos do apoio dos outros colegas, de nos inserirmos num colectivo docente. O autoconhecimento faz parte do nosso conhecimento como pessoas e do nosso conhecimento profissional.

6. No artigo *Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente* (2017, p. 10), o senhor novamente reforça a ideia de que o ciclo do desenvolvimento profissional completa-se com a formação continuada e que, em face à dimensão dos problemas e desafios atuais da educação, precisamos, mais do que nunca, reforçar as dimensões coletivas do professorado.

6.1 Como reforçar essa dimensão coletiva e uma maior autonomia profissional por parte dos docentes que já estão no efetivo exercício da profissão?

Quando olhamos para os últimos documentos das organizações internacionais (Nações Unidas, UNESCO, OCDE, etc.), todos apontam para a importância da colaboração entre professores. Não se trata de “obrigar” os professores a colaborarem. Se se mantiver o modelo escolar tradicional, centrado na sala de aula, com um professor a dar aulas a uma turma de alunos, a colaboração não é necessária. Mas, se avançarmos para novos ambientes educativos, com maior diversidade de espaços e de tempos de estudo e de trabalho, então a colaboração é imprescindível. Tenho utilizado a metáfora da biblioteca para falar da escola do futuro. Na biblioteca acontece um pouco de tudo: alguns alunos estão em um canto e estudam sozinhos, outros alunos estão em pequenos grupos, a fazerem alguma atividade, em outro canto, estão outros alunos no computador. Ainda na biblioteca estão alunos a trabalhar com um ou diversos professores; e em outro canto, dois ou três professores preparam alguma atividade. Cada professor não está sozinho com os seus alunos, mas em situação colaborativa, cooperativa. A dimensão colectiva e uma maior autonomia profissional dos professores são processos diretamente relacionados com uma transformação do ensino e da pedagogia, com novos modos de trabalho docente e de organização das escolas.

7. O senhor considera a escola como uma instituição imprescindível para a formação do ser humano, contudo questiona os modelos presentes no mundo escolar, julgando-os ultrapassados. Especialmente no artigo *Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola* (2019), o senhor afirma que “no preciso momento em que celebra a sua vitória, a escola revela-se incapaz de responder aos desafios da contemporaneidade. O modelo escolar está em desagregação. Não se trata de uma crise, como muitas que se verificaram nas últimas décadas. Trata-se do fim da escola, tal

como a conhecemos, e do princípio de uma nova instituição, que certamente terá o mesmo nome, mas que será muito diferente. [...]” (NÓVOA, 2019, p. 2).

7.1 Não desconsiderando as limitações tecnológicas e sociais diante da implantação do ensino remoto emergencial em decorrência da pandemia causada pelo coronavírus a partir de 2020, bem como os diversos obstáculos encontrados pelos profissionais da educação e estudantes durante essa implantação do ensino remoto, lhe pergunto: a inserção de metodologias que, antes da pandemia eram pouco presentes no ensino presencial, seria um indicio de mudança?

As tecnologias fazem parte da nossa vida, do dia a dia das nossas crianças, mas a educação dá-se sempre num contexto de relação humana. A educação não é apenas um ato individual, é uma dinâmica de aprendizagem com os outros. Ninguém se educa sozinho. É impossível. A relação humana é tão importante que não consigo imaginar que a educação possa ser feita de forma totalmente virtual, totalmente a distância. Os dispositivos digitais que temos ao nosso alcance são úteis, ninguém os deve recusar. Mas, dizer que a educação vai passar a ser feita unicamente a distância seria perder a dimensão da relação humana, do encontro humano que é absolutamente necessário. Não há educação sem o afeto, não há educação sem o sentimento, não há educação sem a relação humana profunda, de alunos com alunos, de alunos com professores. Não se pode conhecer sem sentir, não se pode aprender sem emoção, sem empatia. Não nos podemos educar sem os outros.

7.2 Ao refletir sobre a necessidade de mudanças também no campo da formação de professores, o senhor poderia nos dar exemplos do que tem presenciado sobre aqueles que repensam com coragem e ousadia as instituições e práticas no sentido de refundar a escola? Como os avalia?

Durante os últimos anos estive envolvido na redação do último relatório da UNESCO – *Reimaginar os nossos futuros juntos: Um novo contrato social da educação*. Para a escrita deste relatório, consultamos cerca de um milhão de pessoas no mundo. Que avaliação faço dessa consulta? Quando perguntamos às pessoas sobre as perspectivas de futuro da educação, recebemos respostas frágeis e sem grande interesse ou originalidade. As pessoas limitavam-se a reproduzir o que já conhecem ou, então, lançavam-se em imaginações futuristas, quase sempre com base no digital ou na inteligência artificial, muito pouco interessantes. Mas sempre que perguntamos às pessoas, sobretudo aos professores, o que estavam a fazer, em que experiências ou iniciativas estavam envolvidos, tivemos respostas extraordinárias de renovação e transformação da educação. São experiências que nasceram, quase sempre, de 2 ou

3 professores, frequentemente de mudança dos espaços da escola (junção de salas de aula, diferente organização das turmas, etc.) ou de dinâmicas inovadoras de trabalho pedagógico (projetos, temas transversais, etc.). Percebemos, através destas respostas, que o futuro já está inventado. Falta apenas que ele se transforme em presente.

8. No ensaio *Entre a formação e a profissão: ensaio sobre o modo como nos tornamos professores* (2019), o senhor o finaliza do seguinte modo: “Não tenho certezas, mas tenho muitas dúvidas. Não tenho respostas, mas tenho muitas perguntas. Deixo-vos com as minhas dúvidas e as minhas perguntas. É o melhor que vos posso dar” (NÓVOA, 2019, p. 208).

8.1 Qual é sua dúvida e/ou pergunta de hoje?

Ainda vamos a tempo? Uma das grandes filósofas norte-americanas, Maxine Greene, feminista e pensadora das artes na educação, afirmou que não é possível encontrar nenhum propósito coerente para a educação se alguma coisa comum não acontecer num espaço público. É uma fórmula extraordinária para juntar o comum e o público, explicando que a educação depende de uma relação com os outros, sobretudo com os outros diferentes.

As tendências recentes de uma “domesticação” da escola, isto é, de um regresso da educação aos espaços “domésticos”, familiares, é um retrocesso imenso numa visão humanista que se destina a educar todos com todos. Retiradas da relação com os outros, as crianças ficam impedidas de desenvolver a arte do encontro e as sociedades ficam privadas de uma das poucas instituições onde ainda se pode tentar construir uma vida em comum. Aprender e estudar em comum é a melhor forma de promover uma “sociedade convivial”, uma humanidade comum. Ainda vamos a tempo?

9. E, por último, em que medida essas novas configurações da formação impactam os modos de fazer e contar a história da profissão docente?

Nas últimas décadas, devido em parte à “massificação da educação”, houve uma certa desvalorização dos professores, tanto no plano simbólico e social como no plano salarial e profissional. Quando se fala dos professores é quase sempre pela negativa: o que os professores não têm, o que os professores não sabem, o mal-estar docente, o desprestígio da profissão, a crise dos professores, a violência nas escolas, etc. Muitas vezes, nós próprios acentuamos este discurso negativo, sem nos darmos conta dos prejuízos que causamos na imagem e na vivência da profissão. É preciso utilizar palavras duras para criticar a ausência de políticas públicas de valorização dos professores. Obviamente. Mas temos de ser capazes de o fazer com palavras positivas, que chamem a atenção para a importância dos professores, para o trabalho extraordinário que é

educar as novas gerações, para a curiosidade do conhecimento, para a criatividade, para a força do trabalho conjunto, cooperativo. Ainda no final do século XX, em França, houve uma grande campanha publicitária que, no meio de um momento difícil para os professores, colocou cartazes gigantes por todo o país com imagens de jovens a dizerem: “E se falássemos do prazer de ensinar?”. Sim, temos de aprender a contar também uma história prazerosa e exaltante da profissão docente.

10. Há algo mais que gostaria de acrescentar antes de concluirmos essa entrevista?

Nos próximos tempos vai decidir-se grande parte do futuro da educação. Não podemos ficar indiferentes, contribuindo assim para o abandono de uma visão pública e comum e o triunfo de perspectivas individualistas e consumistas da educação. Não é só o futuro da escola que está em causa, é mesmo o futuro da nossa humanidade comum. Nunca, como hoje, foi tão urgente uma educação que contribua para a democratização das sociedades, para a diminuição das desigualdades no acesso ao conhecimento e à cultura, para a construção de formas participadas de deliberação: decidir não é apenas escolher, é também produzir a obrigação de agir e de respeitar a decisão tomada coletivamente em nome de um interesse comum. A escola deve ser um espaço de liberdade, onde se aprende a valorizar o comum.

O mais recente livro de Bruno Latour constrói-se a partir de uma releitura da *Metamorfose*, de Kafka: somos, todos, corpos engendrados e mortais que devemos as nossas condições de habitabilidade a outros corpos engendrados e mortais de todos os tamanhos e feitios. É uma bela maneira de pensar o comum em educação. Todos dependemos de todos. Se ensinarmos isso às crianças, estaremos a fazer o mais belo gesto pelo futuro da humanidade.

REFERÊNCIAS

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. *Revista Cadernos de Pesquisa*, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, 2017. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, out./dez. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v47n166/1980-5314-cp-47-166-1106>>. Acesso em 15 de maio de 2022.

NÓVOA, António. Entre a formação e a profissão: ensaio sobre o modo como nos tornamos professores. *Currículo sem Fronteiras*, v. 19, n. 1, p. 198-208, jan./abr. 2019. Disponível em: www.curriculosemfronteiras.org/vol19iss1articles/novoa.pdf. Acesso em: 8 nov. 2022.

NÓVOA, António. Os Professores e a sua Formação num Tempo de *Metamorfose da Escola*. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 1-15, 2019. Disponível em: <<https://>

www.scielo.br/j/edreal/a/DfM3JL685vPJryp4BSqyPZt/?format=pdf&lang=pt <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623684910>>. Acesso em 19 de mar. De 2022.

Texto recebido em 01/11/2022

Texto aceito em 03/11/2022